

A VIDA IMPOSSÍVEL



MATT HAIG

TOP
SEL
LER

AUTOR DE *A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE*

Para a ilha e o povo de Ibiza

When the angels from above,
Fall down and spread their wings like doves;
As we walk, hand in hand,
Sisters, brothers, we'll make it to the promised land.

Joe Smooth, *Promised Land*

Cara professora Winters,

Espero que não se importe que lhe envie este e-mail.

Talvez se lembre de mim. Foi minha professora de Matemática em Hollybrook. Tenho agora 22 anos e estou no último ano da universidade. É capaz de gostar de saber que estou a estudar Matemática!

Cruzei-me com o professor Gupta na cidade durante as férias da Páscoa e perguntei-lhe por si, e ele deu-me notícias suas. Os meus sentimentos pela perda do seu marido. O professor Gupta disse-me que a professora se tinha mudado para Espanha. Eu tive uma avó que se mudou para Granada, onde não ia desde os 7 anos de idade, e encontrou lá a felicidade. Espero que a professora seja feliz com a sua mudança para o estrangeiro.

Também eu passei pelo luto recentemente. A minha mãe morreu há dois anos e, depois disso, caí no desespero. Não me dou bem com o meu pai e tenho tido dificuldade em concentrar-me nos estudos. Agora, a minha irmã (talvez se lembre da Esther) precisa ainda de mais apoio. Desiludi a minha namorada e ela acabou comigo. E houve outras coisas também. Tive alturas em que me custou muito seguir em frente. Parece que, com esta tenra idade, já tenho a vida escrita e já tudo é conhecido. Por vezes, a pressão é tanta que nem consigo respirar.

Encontro-me num padrão, como se fosse um padrão numérico, uma sequência de Fibonacci — 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, etc. — e, tal como nessa sequência, as coisas vão-se tornando menos surpreendentes à medida que vou avançando. Mas em vez de percebermos que o número seguinte é encontrado somando os dois anteriores, percebemos que tudo o que está à nossa frente já foi decidido. E à medida que fico mais velho, à medida que passo mais números, o padrão torna-se mais previsível. E nada consegue quebrar esse padrão. Antigamente, acreditava em Deus, agora não acredito em nada. Estava apaixonado, mas estraguei tudo. Por vezes, odeio-me. Estrago tudo.

Sinto-me culpado o tempo todo. Ando a beber em demasia, e isso dá-me cabo dos estudos e faz-me sentir culpado, porque a minha mãe queria que eu me esforçasse.

Olho para o que está a acontecer no mundo e vejo que toda a nossa espécie está a caminho da destruição. Como se estivesse programado, num outro padrão. E fico farto de ser humano, de ser esta coisinha minúscula que não pode fazer nada pelo mundo. Tudo parece impossível.

Não sei porque é que estou a falar disto consigo. Só queria falar com alguém. E a professora sempre foi simpática comigo. Estou às escuras e preciso de uma luz. Peço desculpa. Isto parece tão melodramático. Só preciso de ser um bom exemplo para a minha irmã.

Por favor, não se sinta obrigada a responder-me. Mas tudo o que puder dizer será muito apreciado. Peço desculpa pelo longo e-mail.

Obrigado,

Maurice (Augustine)

Caro Maurice,

Muito obrigada.

Não tenho por hábito responder a e-mails, não que receba muitos. Na verdade, não me dou bem com a Internet. Não tenho conta nas redes sociais. A única coisa que tenho é o WhatsApp, e mesmo esse é raro usar. Mas, no caso da sua mensagem, senti que devia responder, e responder como deve ser.

Lamento imenso tudo aquilo por que tem passado. Lembro-me da sua mãe das reuniões de pais. Eu gostava dela. Lembro-me de que era uma pessoa séria, mas com um ligeiro sorriso a espreitar nos cantos da boca quando falava de si. O Maurice animava-a, claramente. Só por ser quem era. E isso era uma verdadeira proeza, sobretudo para um adolescente.

Comecei a escrever-lhe uma resposta, mas esta cresceu tanto que acabou por se transformar em muito mais do que um pequeno e-mail.

Para ser sincera, já há algum tempo que queria escrever tudo isto, pelo que a sua mensagem foi o estímulo perfeito.

O que lhe vou contar é uma história que até a mim me custa a crer. Por favor, não se sinta obrigado a acreditar nas minhas palavras. Mas saiba que nada disto é inventado. Nunca acreditei em magia, e continuo sem acreditar. Mas, por vezes, aquilo que parece ser magia é simplesmente uma parte da vida que ainda não compreendemos.

Não posso prometer que a minha história o ajude a acreditar no impossível. Mas é uma história, tão verdadeira como qualquer outra, de uma pessoa que sentiu que já não havia sentido para a sua existência e que acabou por encontrar o maior propósito com que alguma vez se deparou, por isso penso que tenho o dever de a partilhar. Não sou, de todo, um exemplo a seguir, como provavelmente se tornará claro. Já senti muita culpa na vida.

E, de certa forma, esta história é sobre isso. Espero que veja nela alguma utilidade.

Encontrá-la-á no documento anexo.

Com os melhores cumprimentos,

Grace Winters

Uma história piegas

Era uma vez uma senhora velhota que vivia a vida mais aborrecida do Universo.

Essa velhota raramente saía de casa, a não ser para ir ao médico, ajudar na loja de caridade ou visitar o cemitério. Já não tratava do jardim. A relva estava demasiado crescida e os canteiros cheios de ervas daninhas. Fazia as compras da semana por encomenda. Vivia nas Midlands. Em Lincoln. No Lincolnshire. A mesma cidade mercantil de tijolos cor de laranja onde tinha permanecido — à exceção de uma passagem pela Universidade de Hull há séculos — toda a sua vida adulta.

Sabe como aquilo é.

E não era assim tão mau, mas as ruas haviam-se tornado menos acolhedoras do que dantes. Custava-lhe ver metade das suas boas recordações cobertas com painéis de contraplacado e cartazes rasgados.

Ficava sentada a ver televisão durante o dia, lia um ou outro livro e fazia palavras cruzadas e jogava Wordle para manter o cérebro a funcionar. Observava os pássaros no jardim ou contemplava a pequena estufa vazia, enquanto o relógio da lareira não parava de fazer tique-taque. Em tempos, fora uma ávida jardineira, mas já não o era. Tinha apenas 72 anos, mas desde que o marido falecera, quatro anos antes, e que o seu lulu-da-pomerânia — *Bernard* — se seguira pouco depois, sentia-se completamente só. Na verdade, há mais de trinta anos que se sentia só. Desde o dia 2 de abril de 1992, mais precisamente. A data em

que perdeu todo o seu significado e propósito e nunca mais os voltou a encontrar. Mas a solidão tornara-se uma realidade profunda e literal nos últimos anos, e ela sentia-se como se tivesse 132 anos. Quase não conhecia ninguém. Os seus amigos tinham morrido, ou mudado de casa, ou tinham-se simplesmente afastado. Só tinha dois contactos no WhatsApp — a Angela, da Fundação Britânica do Coração, e a Sophie, a sua cunhada, que se tinha mudado para Perth, na Austrália, havia trinta e três anos.

Mas de todos os momentos de tristeza do passado, era ainda aquele longínquo dia de abril o que mais a afetava. A morte do filho, Daniel, fora a mais dura e devastadora, e, quando uma tragédia é assim tão grande, dá azo a outras tristezas e fracassos, do mesmo modo que um tronco dá origem aos ramos. Contudo, a vida continuou. Ela e o marido, Karl, acabaram por se mudar para uma moradia e tentaram aproveitar a vida, mas isso não deu grande resultado, pelo que se deixavam ficar sentados em silêncio mútuo, a ver televisão ou a ouvir rádio. O marido sempre fora muito diferente dela. Gostava de *hard rock* e de cerveja como deve ser, mas era uma alma fundamentalmente pacata. O problema da tragédia é que ela mancha tudo o que vem a seguir. De vez em quando, encontravam algum conforto na partilha de memórias comuns, mas depois de o Karl morrer tornou-se mais difícil, porque as memórias não tinham para onde ir. Ficavam, simplesmente, dentro da cabeça dela, estagnadas. E era por isso que, sempre que se via ao espelho, só via uma meia-vida. Uma árvore a cair lentamente numa floresta invisível.

Além disso, ela encontrava-se numa situação financeira difícil.

As suas poupanças de toda uma vida já não existiam. Desde que um burlão com um reconfortante sotaque escocês se fizera passar por consultor de segurança do NatWest e — com a sua tola ajuda — lhe roubara as 23 390,27 libras que ela e o Karl tinham conseguido amea-lhar. Foi uma longa história, cheia de personagens ardilosas e uma velhota ridícula (não me digam!), mas, felizmente para si, não é essa a história que aqui está a ser contada.

Seja como for, esta senhora limitava-se a ficar ali sentada, com as suas dores nas pernas, tentando não responder a nenhum e-mail de estranhos e deixando a sua vida destroçada seguir à deriva, rio abaixo como um pacote de batatas fritas vazio e amarfanhado. A sua única réstia de interesse era a imagem de um tentilhão ou de um estorninho no comedouro de pássaros no pequeno jardim das traseiras, enquanto inalava velhas memórias e sonhos desvanecidos.

Um pedido de desculpa

Desculpe. Foi um pouco pretensioso e melancólico. Falar de mim na terceira pessoa. Só estou a *criar ambiente*. Vai ser divertido, apesar desta introdução. E, como muitas das coisas divertidas da vida, vai começar com uma cirurgia minimamente invasiva de ablação de varizes por radiofrequência.

A incapacidade de sentir prazer

Estava de pernas para o ar quando decidi ir para Ibiza. A maca cirúrgica onde me encontrava deitada estava tão inclinada para trás que pensei que ia escorregar. Havia um espelho na parede. Olhei para o meu cabelo grisalho despenteado e para o meu rosto cansado e quase não me reconheci. Parecia uma pessoa emurhecida. Evitava os espelhos, sempre que possível.

Estavam a tentar inverter o fluxo sanguíneo nas minhas pernas, está a ver? Eu tinha mais veias azuis do que um pedaço de gorgonzola e precisava de tratar delas. Não por causa do aspeto que tinham, mas porque me faziam comichão na barriga das pernas e me provocavam dores. A minha tia tinha morrido por causa de um coágulo de sangue que se soltara e alcançara o nobre estatuto de embolia pulmonar fatal, por isso eu queria tratar das varizes antes que algum coágulo meu se lembrasse de ter ambições semelhantes. Peço desculpa se isto é demasiada informação. Estou determinada a ser o mais honesta possível consigo, por isso estou a começar da mesma maneira que tenciono continuar.

Com sinceridade.

Portanto, enquanto eu ouvia rádio, a cirurgiã vascular injetou-me várias vezes com anestesia local ao longo da perna esquerda, sendo que à última injeção ela chamou, com carinho, mas também com precisão, «ferroada». Depois, chegámos à parte principal em que, segundo ela me

disse, seria introduzido um cateter na barriga da perna para rebentar a minha veia safena magna por dentro com uma temperatura de 120 °C «capaz de refogar cebolas».

— Deve conseguir sentir alguma coisa...

E realmente senti. Não foi agradável, mas foi alguma coisa. A verdade é que há anos que não sentia grande coisa. Apenas uma vaga tristeza persistente. Anedonia. Conhece essa palavra? A incapacidade de sentir prazer. A falta de sensação. Bem, eu já andava assim há algum tempo. Conheço a depressão, mas não se tratava disso. Não tinha a intensidade da depressão. Era apenas a falta de alguma coisa. Eu limitava-me a existir. A comida servia apenas para me encher. A música tornara-se apenas um ruído padronizado. Eu estava simplesmente *ali*.

Deve conseguir sentir alguma coisa.

Afinal, essa é a forma mais básica e essencial de existência, não é? A capacidade de sentir. E viver sem sentir, então, isso era o quê? Era *o quê*? Era como estar simplesmente ali parada. Como uma mesa num restaurante fechado, eternamente à espera de que alguém a ocupasse.

— Pense numa coisa agradável...

E, por uma vez, não foi muito difícil pensar em alguma coisa. E a principal coisa em que me estava a concentrar era uma carta que tinha recebido de um escritório de advogados menos de duas horas antes.

Ananases

A carta era invulgar.

Informava-me de que me tinham deixado uma propriedade em Ibiza, em Espanha, pertencente a uma pessoa chamada Christina van der Berg. Essa Christina van der Berg tinha morrido e deixara-me os seus bens materiais. Ou alguns deles, pelo menos. Outra burla, pensei eu. Sabe, é que, quando alguém nos rouba, é difícil não ver o mundo como um covil de ladrões. Mas mesmo que não tivesse sido burlada, era ridículo imaginar que alguém que eu não conhecia me iria deixar uma casa no Mediterrâneo.

Demorei algum tempo a perceber que não era exatamente isso que tinha acontecido. Ou, por outras palavras, demorei algum tempo a perceber que a tal Christina van der Berg não era uma estranha. Não propriamente. O problema é que o nome não me tinha soado minimamente familiar. O elemento holandês — van der Berg — acrescentava-lhe uma aura de grandiosidade que me parecia fictícia e desconhecida, deixando-me desorientada. Felizmente, porém, a carta que recebi da firma de advogados Nelson e Kemp facultava mais algumas informações, incluindo uma breve menção ao nome de solteira de Christina: Papadakis.

Isso, sim, já me dizia alguma coisa.

A Christina Papadakis fora, por um breve período, professora de Música. Tínhamos trabalhado juntas na mesma escola, pouco antes

de eu me reconciliar com o Karl. (Tínhamos estado juntos na universidade, mas ele tivera demasiada pressa e eu pedira-lhe um tempo).

Devo admitir que não a conhecia muito bem. Lembro-me dela como uma jovem muito bonita e tímida, com um ar glamoroso, uma qualidade mais rara em 1979 do que nos dias de hoje. Tinha uma franja espessa e cabelo escuro comprido e usava missangas. Fazia-me lembrar a cantora Nana Mouskouri, mas sem os óculos. O pai dela tinha emigrado da Grécia quando era jovem, logo a seguir à guerra. Aparentemente, ela nunca tinha estado na Grécia, mas, para o meu cérebro provinciano que nunca viajara, ela parecia o epítome da sofisticação mediterrânica. E a verdade é que sentia a falta da comida a que se habituara na sua infância no seio da comunidade grega de Londres — a primeira vez que ouvi a palavra *halloumi* na minha vida foi da boca dela. Ela comia sempre muita fruta. Por exemplo, costumava tirar da lancheira uns pedaços de ananás cortados em elegantes fatias — não em pedaços toscos —, o que me deixava sempre impressionada. Uma vez, passei pela porta dela quando estava a cantar *Rainy Days and Mondays* e a turma estava toda boquiaberta, num estado de pura reverência. A sua voz estava ao nível da de Karen Carpenter (outra cantora do Período Triássico). O tipo de voz que parece fazer parar o ar e o próprio tempo.

Seja como for, certo dia, à noitinha, pouco antes das férias de Natal, eu tinha ficado até mais tarde na escola, a acrescentar enfeites a uma exposição sobre trigonometria, e, quando andava em busca de mais grafos, encontrei-a à sua secretária. Estava ali sentada, a mexer nas unhas.

— Oh, não faças isso às unhas — disse eu, de forma intrusiva, como se ela fosse uma aluna e não uma colega. — Vais lascá-las. — Eu gostava das unhas dela. Tinham um tom acolhedor de terracota. Mas senti-me imediatamente mal por ter dito aquilo, sobretudo quando vi que ela estava a olhar para o vazio. Em contextos sociais, não tinha muito tato. Nunca tive. — Oh. Peço desculpa — disse eu.

— Por favor, não peças — respondeu ela, olhando de repente para mim e oferecendo o mais tenso dos sorrisos.

— Estás bem?

Foi nessa altura que ela me abriu o coração. Há uma semana que não vinha à escola, e eu mal tinha reparado. Estava a ter uma crise. Detestava o Natal. O seu noivo, agora desaparecido, pedira-a em casamento um ano antes, na véspera de Natal. Como era relativamente nova na zona, não tinha família por perto. Por isso, disse-lhe que podia passar o dia de Natal comigo.

E foi isso que aconteceu. Ela apareceu e assistimos ao discurso da rainha, ao filme *Goldfinger* e à atuação dos Blondie no *Top of the Pops*, a cantarem *Sunday Girl*. Foi então que a Christina disse que queria cantar para um público. Bebemos várias garrafas de *Blue Nun*, que nunca foi o melhor estabilizador de humor, e eu pedi desculpa pela falta de ananases. Ficámos a conversar até altas horas.

Ela sentia-se totalmente incapaz de lidar com as coisas. Um sentimento que conheço melhor agora do que naquela altura. Dar aulas estava a ser muito difícil para ela, que se interrogava se estaria na carreira errada. Eu disse-lhe que toda a gente em Hollybrook se sentia assim. A certa altura, ela mencionou Ibiza. Estávamos no limiar de uma nova década e o *boom* dos pacotes de férias em Espanha estava em grande força, e ela tinha ouvido falar de um novo hotel que andava à procura de cantores e músicos.

Fiquei intrigada. Achei-a misteriosa e, provavelmente, fiz-lhe demasiadas perguntas. É uma característica dos professores de Matemática. O valor da variável desconhecida tem sempre de ser encontrado.

— Sinto que tenho uma vida dentro de mim que precisa de ser vivida e que eu não a estou a viver.

Provavelmente, estas não foram as suas palavras exatas. Mas transmitem o essencial. Depois, disse:

— Sei que não faz sentido. Eu sou grega, não sou espanhola. Há ilhas gregas mais do que suficientes. Devia ir para uma delas. Porque

sei falar a língua. Mais ou menos. De espanhol não sei nada, e acho que é bom saber a língua quando se vive num sítio.

— Podias aprender espanhol. Devias ir para lá, se é isso que queres. Devias mesmo.

— Não faz sentido.

E foi então que eu disse uma coisa que nem parecia minha.

— Nem tudo tem de fazer sentido.

A perspetiva de conseguir um emprego lá levou-lhe aos olhos um brilho ardente, por isso eu disse-lhe que fosse em frente, se quisesse, e que não se preocupasse com o que as pessoas pensavam. Tenho quase a certeza de que foi isso que eu disse, porque me lembro de lhe ter dado um colar que tinha desde criança, com um pendente de São Cristóvão, o santo padroeiro dos viajantes. Eu era uma católica não praticante e associava-o em demasia à minha educação, mas nunca tinha sido capaz de me descartar dele. Dá-lo à Christina pareceu-me a coisa certa a fazer.

— Ele vai proteger-te — disse eu.

— Obrigada, Grace. Obrigada por me ajudares. Com esta decisão.

A dada altura, ela cantou *Blackbird*. Cantou-a primeiro a solo. Muito pouco festiva, mas muito bonita. Havia um toque agridoce no seu canto que me fez chorar. Depois, tentou ensinar-ma.

— Só tens de te tornar a canção. Estar dentro dela. Esquece que existes. É a canção dos Beatles mais fácil de cantar — assegurou-me ela. — Bem, depois de *Yesterday*. E de *Yellow Submarine*.

Afinal, não era uma canção nada fácil de cantar. Mas nós já tínhamos bebido vinho suficiente para não nos preocuparmos com isso.

Ela explicou-me a sua paixão pela música.

— É o que torna o mundo maior — disse ela, com os olhos acetinados por um sentimento incutido pelo álcool. — Às vezes, sinto-me como se estivesse presa numa caixa e, quando estou a tocar piano ou a cantar, saio dessa caixa durante algum tempo. Para mim, a música é como uma amiga que aparece quando precisamos dela. Um pouco como tu, Grace.

Seja como for, decidimos dar um passeio. Um daqueles passeios frios e natalícios em que sorrimos a todos os estranhos que passam por nós. Bem, naquela época, sorria-se de certeza. E foi só isso. Não houve muito mais do que isso. Ela voltou para a escola durante alguns meses e depois foi-se embora. Nunca mais foi a minha casa. Chegámos a falar na sala dos professores, mas ela parecia um pouco envergonhada. Eu não conseguia compreender. Como é que aquela pessoa adorável e talentosa, que queria cantar para um público, se sentia envergonhada por precisar de companhia no Natal? E certo dia — possivelmente a última vez que a vi —, ela aproximou-se de mim no parque de estacionamento e disse baixinho, com lágrimas nos olhos:

— Obrigada. Sabes, pelo Natal...

Apenas isso. Não consigo enfatizar o suficiente quão insignificante eu pensava que aquilo tinha sido. A única coisa que fiz foi dar a alguém um lugar para estar no dia de Natal, há décadas.

E então, décadas depois, do nada, recebo esta carta. A dizer que a Christina tinha morrido e que me tinha deixado a sua casa em Espanha por causa de «um ato de bondade praticado há muito tempo». Também deixava claro que eu podia vender a casa ou arrendá-la, se a mudança para lá fosse demasiado «impraticável».

Foi, no mínimo, uma surpresa. Uma surpresa que me deixou com a sensação de ter perdido mais do que tinha ganhado. Uma amiga que nunca cheguei a ter, de uma época que parecia um sonho distante. Não fazia qualquer tenção de me mudar para lá. À medida que envelhecemos, os padrões tornam-se mais difíceis de desfazer. E não queremos que se desfaçam. O meu padrão tinha sido desfeito várias vezes no passado. Quando me reformei. Quando o meu marido se foi abaixo na sua estufa. Até a perda do nosso cão, o *Bernard*, me desestabilizou. E, claro, quando o Daniel foi atropelado por uma carrinha do Royal Mail enquanto seguia na sua bicicleta.

E, ultimamente, quando eu sentia falta do velho padrão de casada que outrora achara assoberbante, formava-se um novo padrão. A rotina

de alimentar os pássaros todas as manhãs. A entrega das mercearias à segunda-feira. Uma manhã de voluntariado na loja de caridade da Fundação Britânica do Coração à sexta-feira. O cemitério ao domingo. E culpa, dor e vazio eternos. Havia apenas algumas flutuações mínimas. Instalara-me no padrão chamado Cada Vez Mais Velha e não tinha pensado a sério nisso.

Mas tudo isso estava prestes a mudar.

Uma situação em curso

— **D**esculpe se estou a ser demasiado direta — disse eu à advogada. — Mas como é que ela morreu?

— Pensei que sabia — respondeu ela. A Dra. Una Kemp. Uma voz que parecia ter acabado de sair do frigorífico e precisava de tempo para amolecer.

— Não — retorqui. — A carta dizia que ela tinha morrido, mas não dizia como. Por isso, gostava de saber como é que ela morreu, se fosse possível.

— Ela morreu no mar...

Percebi que não se tratava de uma resposta direta.

— Peço desculpa. *Como* é que ela morreu?

Ouçõ a respiração na linha telefónica.

— Oh. Isso é uma situação em curso.

Uma situação em curso.

— Desculpe. Em que sentido?

— No sentido em que as autoridades espanholas ainda estão a investigar as circunstâncias exatas da morte. Estão a ser muito minuciosos. A única coisa que sabemos com certeza, a única coisa que nos foi dita, é que ela morreu no mar.

Só uns bons cinco minutos depois de a conversa ter terminado é que me ocorreu que esta ambiguidade me parecia bastante peculiar. Porque é que os eventos eram tão misteriosos? Segundo a advogada,

o seu testamento tinha sido recentemente alterado para me incluir como beneficiária. Este facto, juntamente com a bizzarria geral de a casa me ter sido deixada a mim, encheu-me de perguntas.

E eu sempre fui o tipo de pessoa que não consegue aceitar uma pergunta sem ir à procura de uma resposta. Independentemente de onde isso me leve.

,14159

— Nunca há duas pernas iguais... — disse a cirurgiã. — Mesmo na mesma pessoa. Mesmo que pareçam idênticas. As veias têm sempre um padrão diferente. Como as impressões digitais.

Houve alguma coisa naquilo que ela disse que me fez pensar na matemática. Todos aqueles exemplos de imprevisibilidade dentro da uniformidade. A forma como, se multiplicarmos um diâmetro por pi, encontraremos sempre a circunferência de um círculo, embora os números que compõem as casas decimais do pi não sigam qualquer padrão.

3,14159 etcétera, para sempre, com uma aleatoriedade total, absoluta e alucinante.

Há sempre um elemento de imprevisibilidade mesmo nas coisas mais previsíveis. E se vivêssemos como se não ela existisse, a vida puxar-nos-ia o tapete de debaixo dos pés, por isso mais vale aceitar o ,14159.

Fiquei a olhar para a parede vazia e para o relógio de pernas para o ar. Não sabia quase nada sobre Ibiza. A não ser que era exatamente o tipo de lugar que eu achava que jamais visitaria. Ou desejaria visitar.

Ouviam-se os Blondie a passar na rádio. Não o tema *Sunday Girl*, mas *Heart of Glass*. Imprevisibilidade dentro de um padrão. Como a vida.

— Não vai viajar de avião nos próximos tempos? — perguntou a cirurgiã, alguns minutos depois. — Porque, com as suas pernas, é um bocadinho perigoso.

— Está a sugerir que vá sem elas?

Ela não apreciou a minha piada.

— Não — acabei por dizer, enquanto a enfermeira me enfiava lentamente uma meia de compressão pela perna acima. — Não vou viajar de avião nos próximos tempos.

Há muito tempo que não dizia uma mentira de forma consciente.

E senti-me tão malcomportada quanto é possível uma professora de Matemática reformada e viúva sentir-se. Porque naquele segundo, ainda de cabeça para baixo naquela maca cirúrgica, percebi que tinha um plano.

Tratava-se de um plano simples, mas cauteloso. Apanhar um voo para Ibiza com um bilhete de regresso em aberto, dar uma vista de olhos à casa que, por alguma razão obscura, me tinha sido deixada, e ficar lá até lhe sentir tanto ódio que até uma moradia vazia em Lincoln com mil recordações me parecesse uma opção melhor.

Mas antes de o pôr em curso, tinha de fazer uma coisa. Tinha de ir ao único sítio que considerava verdadeiramente importante visitar. O cemitério.

Conversas com os mortos

A caminho do cemitério, cruzei-me com o meu antigo chefe — e seu antigo diretor de turma, o professor Gupta — à saída de um café. Depois de alguma conversa de circunstância, ele perguntou-me como é que eu estava. E estava triste, por isso, em vez de lhe dizer isso, contei-lhe outra verdade.

— Ibiza? — perguntou ele. Sobrancelhas arqueadas, sorriso abafado. — Nunca imaginei que Ibiza pudesse fazer o teu género.

— Pois não — respondi. — Nem eu.

E não tardei a continuar o meu caminho.

Mais tarde, depois de ter mudado as flores da campa do meu Daniel, sentei-me num banco debaixo de um teixo. Olhei para o singelo cinzento da lápide, para o seu modelo simples e para as letras gravadas que formavam palavras legíveis à sombra.

DANIEL WINTERS

Um menino amado

15 de março de 1981 – 2 de abril de 1992

Nesse dia, estive lá cerca de uma hora.

Como sempre, fiquei em silêncio. Nunca sabia o que lhe dizer. À sua presença imaginada. Não se tratava de eu não gostar de falar com os mortos em público. Falava com o Karl o tempo todo. Mas com

o Daniel era difícil, por muitas razões. Já tinham passado mais de três décadas de luto — já tínhamos entrado noutro século e mudado de milénio —, mas eu continuava sem palavras. Não tinha mais nada a dizer a não ser «lamento». Como sempre, acalmei os nervos a contar lápides e a fazer contas com elas.

Não quero sobrecarregar demasiado esta história com conversas sobre coisas tristes, mas quero dizer-lhe que ele era um rapaz muito especial. Deixe-me que o descreva. Sempre foi alto para a idade e magro, e lia livros enquanto caminhava. Era inteligente e divertido e, mesmo quando estava de mau humor, tinha um sorrisinho no rosto, como se achasse o mundo inteiro uma comédia. Adorava os romances *Escolhe a Tua Aventura*, música *pop* e programas de televisão que eram demasiado antigos para ele (*A Balada de Hill Street*, que, apesar de eu discordar, via repetidamente com o pai quando tinha 9 anos). Fazia sanduíches de três andares com manteiga de amendoim e *Marmite*. Criava as suas próprias bandas desenhadas sobre um cão que viajava no tempo. Não gostava muito da escola — bem, não da nova, porque não gostava de desporto e não queria fingir. Na verdade, era uma pessoa muito honesta. A mentira era coisa que nunca lhe passava pela cabeça. Acho eu. Mas também era um sonhador. Se não tivesse saído de bicicleta à chuva naquele dia, teria acabado por ser um criativo. Talvez ilustrador. Adorava arte e era bom nisso. Quando tinha 11 anos, fez um desenho belíssimo de um azulino e ofereceu-mo no Dia da Mãe, porque sabia que eu adorava pássaros.

Morreu antes de se tornar um adolescente, quanto mais um adulto, por isso é difícil dizer que tipo de pessoa ele viria a ser. Há dois tipos de fantasmas que nos atormentam quando um jovem morre. O fantasma da pessoa que era e o fantasma de quem poderia ter sido. A sua morte criou um buraco em mim que nunca mais poderá ser preenchido. Durante anos, chegar ao fim de um dia era um evento olímpico. Havia uma sensação contínua de terror ao saber que a vida ousava existir sem ele. Era difícil não ficar furiosa. Sobretudo, comigo própria. *Nunca o devia ter deixado ir andar de bicicleta à chuva.*

Sei que já conheceu a dor, Maurice, e lamento muito o que aconteceu à sua mãe. Durante os primeiros dois anos após a morte do Daniel, eu não estive em mim. *Não estive em mim*. É uma expressão interessante, não é? Eu estava lá, mas não estava lá. Observava-me na terceira pessoa. Uma personagem numa vida que parecia a minha, mas que não era. Tinha tantas saudades dele, mas também sentia que tinha saudades minhas. É esse o problema do luto. A forma como nos afunda na morte também. Quero dizer, é óbvio que continuamos a funcionar biologicamente. Continuamos a respirar, a ver e a falar, mas já não estamos propriamente vivos.

— Amo-te — sussurrei, por fim. — Vou estar fora durante algum tempo. Vou pensar em ti todos os dias. Adeus.

Depois, inspirei fundo e de forma trémula, como sempre fazia quando estava perto dele, suprimi as lágrimas antes que começassem a cair e percorri a curta distância até à campa do Karl. Sentia-me sempre como numa viagem através dos tempos. Percebe o que quero dizer, em relação aos cemitérios? Cada fila é uma era diferente, e depois mais outra e outra. A lápide do Karl era de mármore, mas preta. Ele tinha sido muito específico quanto à vontade de ter uma lápide de mármore preto.

«É um pouco mais *rock and roll*», dissera ele. Ele era tão *rock and roll* como uma sanduíche de queijo, mas gostava de música *rock* e a sua banda preferida era os Black Sabbath, o que provavelmente era explicação suficiente.

KARL WINTERS

20 de janeiro de 1952 – 5 de outubro de 2020

Pai e marido dedicado

A palavra «pai» estava carregada de dor, eu sei, mas a devoção era real. Quando nos mudámos para a moradia, ele insistiu para que levássemos o máximo possível do Daniel connosco. Os seus bonecos antigos

do *Star Wars*, os carrinhos, os livros de banda desenhada, os cadernos de desenho, tudo. Era como se ele se tivesse tornado uma espécie de curador de um museu, e eu sentia-me mal por achar sufocante estar sempre a ver a memória dele em todo o lado. Mas mesmo depois da morte do Karl, nunca levei nada daquilo para a loja de caridade.

— Karl, tomei uma decisão — disse à sua lápide, postada diante dela, com as minhas pernas novinhas.

O seu silêncio era praticamente igual ao de todas as vezes que eu anunciara algo que ele sentia que não lhe ia agradar. Quase o conseguia ver a arquear as sobrancelhas. Ele nunca foi um grande conversador, e o facto de ter morrido não contribuiu muito para melhorar a situação.

— Vou para Espanha. Para as Ilhas Baleares. Para *Ibiza*, imagina só! — Estremeci um bocadinho ao dizer estas palavras. E disse o itálico em voz alta. Todo o cemitério ouviu o meu desagrado. — Por favor, não me julgues.

O Karl já tinha estado em Maiorca, a vizinha grande de Ibiza. Tinha passado três dias em Palma alguns anos antes, numa convenção de engenharia civil. Aparentemente, tinha sido um ponto alto da sua carreira. Mas Maiorca, na minha mente preconceituosa, tinha uma conotação diferente de Ibiza. Maiorca era uma irmã mais velha equilibrada e com um sorriso confiante. Ibiza, imaginava eu, era a mais nova, barulhenta e traquina, que se passava dos carros. Ibiza, imaginava eu, era *marota*. Juntamente com Las Vegas, Cancún, Rio de Janeiro durante o Carnaval e uma festa durante a lua cheia na Tailândia, era o último lugar que eu escolheria para visitar, mesmo que tivesse dinheiro. Um lugar de festas para jovens com motivos para festejar. Ou talvez para pessoas ricas com os seus tapetes de yoga. O oposto de mim. Eu era velha e rígida, tinha um saldo bancário deprimente e não dançava há décadas. E tinha a convicção muito sincera de que não tinha motivos para festejar.

Eu era, em suma, preconceituosa. É claro que não tinha nenhuma ideia real de como era Ibiza. Era uma mera palavra. Sinónimo de

diversão barulhenta. E eu tinha decidido há muito tempo, com uma espécie de masoquismo autopunitivo, que qualquer tipo de diversão era a última coisa que eu devia ter. Ou que merecia.

— Não estou a pensar em ir a nenhuma discoteca — tranquilizei o túmulo do Karl.

Foi então que limpei a jarra e coloquei o novo enchimento de espuma no interior antes de pressionar firmemente os caules dos crisântemos no devido lugar. Fazia sempre isto, mas nesse dia fi-lo com um esforço adicional. Não queria que as flores fossem levadas pelo vento. Precisava de as manter no sítio o máximo de tempo possível.

— Por isso, não sei quanto tempo vai demorar até que eu te venha ver. Mas não vou vender a nossa moradia nem nada disso. Na verdade, não tenho nenhum plano delineado. Vou só ver como corre. Uma mudança de cenário.

Uma lágrima formou-se nos meus olhos e o sol apareceu por detrás de uma nuvem, fazendo-me sentir o seu calor. Enxuguei a lágrima enquanto sorria para outra mulher, outra viúva, que limpava vigorosamente o mármore de uma lápide mais recente. Olhei para a relva, subitamente brilhante e luminosa. Quando se está de luto por alguém, vê-se a mensagem dessa pessoa em tudo. Até na luz do sol sobre um pedaço de relva. O mundo inteiro torna-se o seu tradutor.

E depois disse-lhe aquilo que sai sempre com tanta facilidade quando já é demasiado tarde.

— Amo-te, meu querido. Até logo. — E acrescentei, quase sem refletir: — Desculpa aquilo que fiz.

O rochedo alto

No avião para Ibiza, sentei-me à frente de uma fila de jovens que falavam entusiasticamente sobre discotecas. Parecia uma língua nova, mas meio familiar. Uma espécie de código.

— Então... Ushuaia amanhã, segunda-feira DC-10 para Circoloco, Amnesia na quarta-feira, Ushuaia e depois Hï na sexta-feira, Pacha no sábado...

Ocorreu-me que eu nunca tinha sido jovem. Mesmo aos 21 anos, teria achado aquele programa — dançar toda a noite, dormir em espreguiçadeiras todo o dia — extremamente cansativo.

Mas eram jovens adoráveis. Vestidos como o arco-íris e saltitantes como labradores. Tinham tentado calcular quanto é que os bilhetes lhes iam custar, e eu fiz as contas e disse-lhes, e eles arfaram coletivamente e repensaram os seus planos. Ficaram efusivamente agradecidos. Quando se é professor, vê-se sempre a criança que há dentro de cada um. Imaginamos como é que teriam sido na sala de aula. Especialmente aqueles que estavam apenas um passo à frente dessa infância.

O avião levava viajantes muito diversos.

Imediatamente à minha esquerda estava um belo espanhol de cabelo comprido, chinelos de enfiar no dedo, uma pena tatuada no antebraço e um ar *zen*, a tentar ler pacientemente. À minha direita, uma mulher de meia-idade, com um perfume agressivo e o colarinho virado para cima, falava para o outro lado da coxia com uma pessoa de

olhos frios chamada Valerie, comparando os preços dos imóveis nas Baleares.

— Ibiza está pela hora da morte hoje em dia. *Pela hora da morte*. De repente, voltou a estar na berra. Boémia pretensiosa. Eu escolheria uma das outras ilhas. *Menorca*, e não *Maiorca*, esse é que é o lugar para investir. É o que diz o Hamish. O mercado está ótimo para comprar neste momento. Conheço uma pessoa que converteu uma *finca* lá e quadruplicou o seu valor. *Quadruplicou!*

Um trio de mulheres de 30 e poucos anos, sentadas à frente, ia a caminho de um retiro de agroturismo para uma semana de yoga e bem-estar, mas elas queriam ter a certeza de que visitavam um mercado *hippie* e viam o pôr do sol numa praia cujo nome esqueci mal acabaram de o dizer. Uma delas disse que estava decidida a não publicar nada no Instagram e a não olhar para o TikTok durante toda a semana.

Um miúdo adolescente falava num tom de voz doce com a mãe acerca de TikTokers, YouTubers, um *rapper* chamado 21 Savage e outros símbolos de um novo mundo que nessa altura eu nem sequer tinha esperança de entender. Ele tinha uma relação tão querida com a mãe. Tentei não pensar no Daniel e limitar-me a sentir-me feliz por eles. A mãe era muito jovial. Seguiam do outro lado da coxia, e bastou-me um único olhar de relance para conseguir vê-los com nitidez. Ela tinha o cabelo preto curto e uma t-shirt que dizia «Taylor Swift: The Eras Tour». A palavra «eras» entrou-me na cabeça e não quis sair. Pus-me a pensar em como poderia entrar numa nova era. Não apenas recuando através de fileiras de lápides num cemitério, mas na nossa própria existência. Pensei em como é necessário romper de forma distintiva com aquilo que já se passou. Em geologia, isso acontece muitas vezes depois de uma extinção, não é? A Era Mesozoica terminou com a morte massiva dos dinossauros provocada por um meteoro. Perguntei-me se estaria a dar início a uma nova era ou se estaria a levar demasiado comigo. É este o desafio da vida, não é? Seguir em frente sem aniquilar o que aconteceu antes. Saber a que é que devemos agarrar-nos e do que

devemos libertar-nos sem nos destruímos. Tentar não ser o meteoro e o dinossauro em simultâneo.

No corredor da frente, perto da casa de banho, havia também um casal da minha idade que falava com vozes educadas e estudava atentamente um livro chamado *Passeios Secretos: Ibiza e Formentera*. Estavam a conversar sobre alguma coisa que tinham ouvido acerca da ilha no programa *Start the Week*, da Radio 4. Senti uma pontinha de tristeza. Que bom seria ter ainda alguém com quem partilhar passeios secretos... Eles pareciam tão chegados. Lembrei-me de um documentário agri-doce sobre a Natureza que tinha visto uma vez, acerca dos castores eurasiáticos e de como, para garantirem que tinham casca de árvore suficiente para se manterem, acasalavam para toda a vida. E se um morresse cedo, o outro estava basicamente lixado.

Gostava de poder apertar a mão do Karl.

As minhas pernas não eram um problema. Não tinha dores a sério, apenas um ligeiro inchaço nos tornozelos, mas já estava habituada a isso. Fiz os meus exercícios para a barriga das pernas e mexi um pouco os pés, um sapateado lento e invisível para pôr o sangue a circular. As minhas ancas começavam a doer no assento. Tentei não pensar nisso. As dores nas articulações eram como o luto. Quanto mais pensávamos nisso, mais nos doía, mas não conseguíamos *não* pensar nisso, exatamente porque estava a doer. Um círculo vicioso.

Senti o peso da minha própria quietude silenciosa, ali sentada, no meio de tanta vida e tanto barulho. Olhei para os anéis na minha mão esquerda. A aliança e o rubi do anel de noivado. Lembrei-me de quando ele me pediu em casamento pela segunda vez, na biblioteca, abrigados da chuva.

Eu tinha recusado o seu pedido na primeira tentativa, seis anos antes, num restaurante indiano em Hull, porque éramos demasiado jovens e alguém tinha de ser sensato.

Quando o piloto nos deu uma atualização sobre a nossa altitude, olhei atentamente para a pedra preciosa vermelha e para as memórias

que ela continha. Depois, deixei-me disso, antes que me desse para a pieguice.

Por falar em gatilhos da memória, havia um bebê a ser passeado de um lado para o outro ao longo da coxia. A mãe beijava-lhe a cabeça e embalava o pequenote nos braços. Houve uma altura em que uma cena assim me teria magoado. Uma altura em que quis desistir do ensino simplesmente para não ter de lidar com tantas crianças, vivas, a irem para a escola em bicicletas que nunca chocavam contra camiões. Sorri para o bebé e tentei ser sincera. O bebé começou a chorar.

— Desculpe — murmurei eu à mãe.

Ela sorriu e anuiu com a cabeça, em sinal de compreensão.

Passou por mim um comissário de bordo assoberbado, com um carrinho de bebidas, e eu pedi-lhe um *gin* tónico, o que era ligeiramente incaracterístico da minha parte, e provavelmente desaconselhável, dada a situação das minhas varizes. Não que eu estivesse propriamente a seguir as ordens da médica.

Eu devia manter-me de pé para ajudar a circulação, mas estava bastante constrangida, por isso fiquei sentada na maior parte do tempo, fazendo aqueles exercícios de forma sub-reptícia.

Sentiu-se alguma turbulência. Os jovens das discotecas pareceram gostar disso.

O bebé começou a chorar novamente.

Iniciámos a nossa descida.

Pela janela do avião, vislumbrei uma costa rochosa e colinas verdes escarpadas. Extensões de praias douradas. Uma paisagem cravejada de casas brancas e, aqui e ali, aglomerados de hotéis de média dimensão ou prédios de apartamentos. Vi um ilhéu no Mediterrâneo. Um rochedo vertiginoso e desabitado que, dali a pouco tempo, viria a descobrir que se chamava Es Vedrà. Já naquela altura, à distância do avião, antes de tudo o que estava para acontecer, ele me provocou uma sensação de pavor e admiração ao mesmo tempo. Se eu estivesse mais em sintonia com esse sentimento, provavelmente nunca teria saído do aeroporto e teria

apanhado o primeiro avião para casa. Mas, naquela altura, os meus sentidos estavam embotados e eu não fazia a mínima ideia do que me esperava.

Por fim, aterrámos.

Enquanto toda a gente se levantava e tirava entusiasticamente as bagagens de mão dos compartimentos superiores, prestes a partir para os seus destinos conhecidos, deixei-me ficar sentada e quieta por alguns instantes. Respirei de forma lenta e profunda, permanecendo ali. Como se uma parte de mim ainda estivesse nas nuvens e precisasse de esperar que ela me alcançasse.

Quando se desloca um número de um lado para o outro numa equação, a isso chama-se, naturalmente, transposição. Eu sentia-me como um desses números. Como se, ao invés de ter apanhado um voo curto para outra parte da Europa, tivesse sido transposta. Como se tivesse *atravessado* algo invisível e agora, de alguma forma, estivesse a ser reordenada. Reavaliada. E haveria uma permutação de elementos. Tinha uma sensação vaga, mas não totalmente nova, de que havia perturbado a ordem das coisas.

O aeroporto era impressionante. Era elegante e luminoso, e brilhava com uma limpeza eficaz. Conforme me aproximava da saída, passando por uma fila de quiosques de aluguer de automóveis, reparei em duas mulheres a despedirem-se uma da outra. Tinham cerca de 30 anos, diria eu. Uma, de costas para mim, tinha cabelo louro. A outra tinha óculos, cabelo rebelde e selvagem, calções de ganga e uma t-shirt. Reparei na t-shirt porque tinha uma fotografia de Einstein. Aquela em que ele deita a língua de fora. Ela parecia triste. Estavam apaixonadas, mas a de cabelo louro ia para um lugar para onde a outra não ia. Passei por elas lentamente.

A mulher de cabelo escuro viu-me a olhar para ela. Sorriu, instintivamente, em vez de ficar ofendida com a minha intromissão. Foi um sorriso amável. Pôs-me ligeiramente à vontade, naquele aeroporto movimentado. Mas eu não fazia ideia de que, dali a pouco tempo, iria

travar conhecimento com aquela jovem, nem de que iríamos acabar por nos tornar amigas. E penso muitas vezes no momento em que a vi, logo depois de aterrar. Que estranho que aquilo foi. Como fazia parte de um padrão que, ainda agora, só consigo vislumbrar.

Saí para a rua e o ar atingiu-me como uma fornalha.

Olhei em redor, tentando orientar-me. O edifício tinha um enorme letreiro no exterior, em letras grandes e elegantes a dizer *Eivissa*. Estava em catalão. Ibiza é uma ilha espanhola, onde se fala espanhol, mas a língua oficial é o catalão.

Eivissa. Era um bom nome. Soava a promessa. Suponho que estava prestes a descobrir de que tipo.

Apercebi-me de como estava louca. *O que estava eu a fazer?* Não conhecia absolutamente ninguém na ilha. Há anos que não ia ao estrangeiro. Não falava espanhol, só sabia dizer *muchas gracias, por favor* e *patatas bravas*. E, no entanto, ali estava eu. Sem dúvida, ali. Sem dúvida, transposta.

No estrangeiro. Sozinha. E já com algum medo.

Começa por A

Tinha uma malinha de tecido axadrezado, uma morada e um envelope com uma chave lá dentro. Só isso. Era tudo. Um mundo condensado.

— Para que hotel? — perguntou-me o taxista, sorrindo, enquanto colocava a minha mala na bagageira do carro branco reluzente, com toda uma fila de veículos idênticos alinhados atrás de si. O *aftershave* dele fazia lembrar uma clareira na floresta e ele estava impressionantemente bem arranjado. Barba bem aparada. Óculos de sol. Tinha tanto de Fórmula 1 como de praça de táxis. Forte. Braços que conseguiriam defrontar um boi. Fez deslizar os óculos para o cimo da cabeça e estabeleceu contacto visual. Tinha um inglês muito bom, embora com muito sotaque. Sou péssima por julgar as pessoas pelo rosto, mas ele tinha um rosto honesto e um sorriso de menino da mamã. Gostei dele. Ainda assim, estava a sentir-me muito no estrangeiro. O calor latejante, as placas em espanhol e catalão, o céu exoticamente azul, as matrículas, a arquitetura moderna do aeroporto em tons de caramelo. Pus-me a olhar para as palmeiras vertiginosas como um bebé olharia para desconhecidos altos. Encalhada. Confusa. Não tinha a mínima ideia do que estava a fazer. O destino mais longínquo para onde tinha viajado nos últimos quatro anos fora o Tesco de Canwick Road, por isso, estar numa praça de táxis, no meio de multidões frenéticas e bagagens a rolar, junto a estas palmeiras gigantes, fez-me sentir uma exploradora.

Uma versão feminina do Dom Quixote vestida com roupa da Marks & Spencer.

— Boa tarde. *Hola*. Ah, não é um hotel. É uma casa... *casa... casa... casa...* — repeti eu, em espanhol.

Eu tinha aquele péssimo hábito inglês de acreditar que a única barreira à compreensão linguística era não repetir as coisas vezes suficientes. Entreguei-lhe a morada. Ele ficou a olhar para ela como se fosse difícil. Ou como se tivesse ficado ligeiramente perturbado. Disse-lhe qual era a estrada, apesar de ele a conseguir ler.

— Carretera Santa Eulalia. — Eu estava claramente a pronunciar mal, mas ele foi educado. Ou, pelo menos, ignorou-o por completo.

Ele não parava de olhar para o papel. Para o que estava lá escrito. Um olhar de preocupação persistia em assombrar-lhe o rosto.

— A minha letra é terrível — disse eu, em tom de desculpa. Mas não era isso.

— Eu conheço este lugar... — disse ele, baixinho e sem quaisquer vestígios do sorriso. — Já lá estive...

— Oh. Esteve?

Ele anuiu com a cabeça e olhou para o taxista seguinte na fila. Um homem mais velho, mais careca, encostado ao veículo enquanto fumava um cigarro, lançando-nos um olhar de frustração que nos incitava a despacharmo-nos. Por isso, entrámos no veículo.

— Está tudo bem? — perguntei.

Houve um momento de silêncio. Depois, arrancou com o carro e pareceu sair daquele pasmo.

— *Sí*. Acho que sim. Aquela casa... É aquela que fica pouco depois da pista de *karting*, não é?

— Na verdade, não sei. Nunca cá estive.

— Vem visitar a família?

Família. Uma palavra tão amigável, mas tão dolorosa.

— Não, não. Não venho visitar ninguém. Só vim para ficar na casa. Eu conhecia a senhora que lá morava.

Ele parecia ter qualquer coisa a dizer sobre isso. Mas decidiu que era melhor não o fazer.

Enquanto seguíamos, passámos por palmeiras, tabernas à beira da estrada e cartazes gigantescos debotados pelo sol a anunciar discotecas, e por um galo que se deslocava despreocupadamente pela estrada principal. Dois velhotes riam-se enquanto jogavam xadrez debaixo daquele calor, à porta de um bar muito simples, com uma máquina de venda automática antiga e gasta que anunciava *Fanta Limón*. Passámos por dois ou três centros de jardinagem de excelente qualidade, com inúmeros vasos com catos e oliveiras nos pátios sob uma luz ofuscante.

O motorista tinha a janela ligeiramente aberta. Senti o aroma a zimbro e pinheiro, mas também a citrinos, ainda que mais ténue. Um doce perfume mediterrânico.

A ilha era mais verde do que eu esperava. Não sei porquê, mas imaginara-a mais árida do que luxuriante, e era certamente quente e seca, com edifícios cujo branco nos ofuscava quando o sol se refletia neles, mas, à medida que nos afastávamos do aeroporto, fui contemplando colinas densas cobertas de pinheiros. Afastadas da estrada, situadas entre essas árvores, havia moradias lindíssimas. Uma delas estava mais próxima. Aglomerados de buganvílias cor-de-rosa e magenta transbordavam dos muros numa orgulhosa ostentação de beleza. Observei o tronco retorcido de uma alfarrobeira.

— Conheço essa casa... — disse o motorista outra vez. Mas desta feita parecia mais próximo daquilo que me queria ter dito antes. — Fica isolada na estrada. Dantes, iam lá pessoas. Iam lá muito.

— Pessoas?

— Sim. Pessoas.

— Ah. Que tipo de pessoas?

— Todo o tipo de gente. Havia um homem de barba, que andava só em calções de banho. Era velhote, com barba. Era mergulhador... Mergulho submarino, está a ver?

— Ele conhecia-a?

— Acho que sim. Levei-o lá duas vezes. Da última vez, ia uma mulher com ele. Uma mulher muito mais nova.

— Eram amigos dela?

— Não sei. Ela devia ter muitos amigos. Chegaram a vir famílias inteiras para a ver. E também turistas. Ingleses, alemães, espanhóis. Um homem rico que apanhei no restaurante perto do Hard Rock Hotel. Tinha ido lá comer. Disse-me qual era o restaurante. É o restaurante mais caro do mundo. Sabia? O restaurante mais caro do mundo fica aqui mesmo em Ibiza. Não é em Paris. Nem em Nova Iorque. Nem no Dubai. Fica aqui. — O motorista disse isto com uma estranha mescla de orgulho e desprezo. — Ele é dono de hotéis... Não me lembro do nome dele... Começa por A... Mais recentemente, houve uma mulher que estava a chorar.

— A chorar?

— Perguntei-lhe se estava bem e ela disse-me que iria saber em breve, depois fazer a visita. Mas isso até nem foi a coisa mais estranha.

— O que é que foi?

— Uma noite, vi qualquer coisa... mesmo louca lá.

— Louca?

Ele anuiu com a cabeça para o retrovisor.

— Sim. Uma luz. Uma luz forte. Vinha da casa. Das janelas... Eu ia a passar de carro... A luz... como se diz? Quase me fez deixar de ver. Quase saí da estrada...

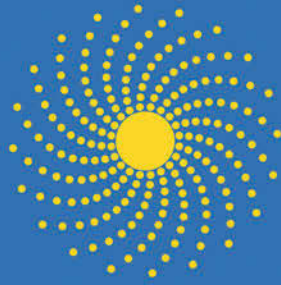
Eu ia responder, mas depois o seu rádio bidirecional ligou-se e alguém lhe perguntou qualquer coisa em espanhol, ao que ele respondeu sem que eu percebesse uma única palavra.

Claramente, não se tratava de uma ilha deserta, nem de uma ilha abandonada, mas eu já estava a ver que era um lugar sedutor, apesar dos meus preconceitos. Havia qualquer coisa no ar. Perguntei a mim mesma como seria a casa da Christina. A minha casa, quero eu dizer, embora seja difícil sentirmo-nos donos de uma coisa que nunca vimos.

E uma coisa que sentimos que não merecemos. Como se nos tivessem dado um prêmio por engano.

Porém, sentia qualquer coisa. Algo fugaz, mas agradável. O que era invulgar. Trouxe-me de volta uma ligeira sensação, a mesma que costumava ter durante as viagens que fazia em nova. É uma sensação tola, mas vou partilhá-la consigo para o caso de também já a ter tido. A sensação é a de que *o mundo inteiro está a acontecer*. É algo que eleva ao quadrado — não, ao cubo — não, à quarta potência — o *agora*. O que quero dizer é: viajar transforma a experiência num *tesseracto*. Fá-la explodir para a quarta dimensão. E torna-se vertiginoso perceber quantos «agoras» estão a acontecer em simultâneo. Pensar em quantos taxistas em todos os continentes estão a falar pelos seus rádios neste momento. Quantas pessoas estão a dar à luz. Ou a comer uma sanduíche. Ou a escrever um poema. Ou a segurar na mão de alguém que amam. Ou a olhar pela janela. Ou a falar com os mortos.

— Mencionou uma luz — disse eu. A minha voz estava fraca e distraída porque, nesse preciso momento, passávamos por uma loja chamada Sal de Ibiza, sozinha na estrada. Estava pintada num bonito tom turquesa. Mas depois alguma coisa transtornou a minha tranquilidade. Senti uma intensificação sensorial, como um animal que se apercebe repentinamente de que pode ser comido. No chão poeirento do lado de fora estava uma bicicleta vermelha caída. Um dos principais problemas do mundo era a existência contínua de bicicletas vermelhas. Seja como for, fiz o que sempre fazia quando via alguma, ou quando via qualquer outra coisa que me fizesse lembrar do Daniel de uma forma tão intensa: virei-me para a Matemática. Uma placa informava *Santa Eulália 3, Sant Joan 21, Portinatx 25*. Então, na minha cabeça, calculei percentagens: 25% de 3 é 0,75; 3% de 21 é 0,63; 21% de 25 é 5,25. Algumas pessoas respiravam fundo. Aquelas três mulheres no avião faziam yoga. Mas eu tinha a Matemática. Ajudava a distrair-me. Ajudava-me a esquecer, por breves instantes, que havia coisas que não podiam ser decompostas ou subtraídas.



AQUILO QUE PARECE SER MAGIA É SIMPLEMENTE UMA PARTE DA VIDA QUE AINDA NÃO COMPREENDEMOS...

Quando Grace, uma professora de Matemática reformada, recebe de herança de uma amiga há muito perdida uma casa degradada numa ilha do Mediterrâneo, a curiosidade apodera-se dela, conduzindo-a a Ibiza com um bilhete só de ida, sem nenhum guia de viagem e desprovida de qualquer plano.

Por entre as encostas escarpadas e as praias douradas das Ilhas Baleares, Grace procura respostas em relação à vida da amiga e à forma como esta terminou. Aquilo que descobre é mais estranho do que alguma vez poderia ter imaginado. Mas antes de mergulhar nesta verdade impossível, Grace precisa de se reconciliar com o seu passado.

**Repleta de encanto e aventura, esta é uma história
de esperança sobre o poder transformador
de um novo começo.**

Do mesmo
autor:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897879043



9 789897 879043 >